



Veredas atemática

Volume 19 nº 2 – 2015

Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)
Renata Trindade Severo (IFRS)

RESUMO: Parte-se de um questionamento provocado por uma estudante e procura-se responder como determinada enunciação pode “ter lugar”. No caminho, exploram-se três pontos: a) a relação linguagem/língua — salientando-se o protagonismo da primeira como expressão do pensamento e a potência interpretante da segunda; b) a compreensão de cultura como um sistema semiológico na obra de Émile Benveniste; e c) a (im)possibilidade de comunicação entre culturas. A resposta encontrada mobiliza as ideias de afetividade e emoção para apontar que, por mais variadas as culturas, o humano cria pontos de intersecção entre elas para tornar possível a comunicação.

Palavras-chave: língua e linguagem; afetividade; cultura; Benveniste.

Les faits dont nous traitons ici appartiennent ou n'appartiennent pas au domaine de la langue, peuvent ou non retenir l'attention du linguiste selon l'idée que celui-ci se fait de son domaine, puisqu'il n'en connaît pas encore les limites. Dans une certaine linguistique, surtout celle qui se proclame « moderne », la langue seule est l'objet de la linguistique, et alors les données indiquées par le titre de cet article lui resteront étrangères. Mais pour le linguiste qui ne retranche pas de l'univers linguistique l'usage finit de la langue, le phénomène du langage, la manière dont l'homme est animé et exprimé par son langage, apporte d'innombrables sujets de réflexion et tout particulièrement dans les conditions exceptionnelles que la passion suscite

Introdução

O que significa para uma pessoa não poder falar abertamente de sua religiosidade? Por que isso ainda ocorre no nosso país mesmo tantos anos após a criação da Lei 10.639¹? Como esse interdito opera nas relações entre pessoas? Este texto, como tantos outros escritos por professores pesquisadores, nasce de uma busca provocada pela fala de uma estudante. Em 2012, ao final do ano letivo, encerrávamos o primeiro ano do projeto de extensão Afrolinguagens². Naquela época, avaliávamos se continuaríamos com as atividades em 2013. Ao saber que o projeto poderia não ter continuidade, uma estudante nos procurou para dizer que o projeto não poderia acabar porque ele era muito importante. Felizes, mas ao mesmo tempo surpresos com essa iniciativa da estudante, lhe perguntamos por que ela atribuía tanta importância ao projeto. Lúcia respondeu que era a primeira vez na sua vida que tinha contado aos colegas que ela era “de religião”³.

Essa resposta foi perturbadora. Muitas foram — e ainda são — as perguntas que surgiram a partir dessa inquietação. Nesse artigo, tentaremos encontrar a resposta para uma delas: de que forma o projeto auxiliou Lúcia⁴ a poder falar sobre sua religiosidade, ou, em outras palavras, o que mudou para que, parafraseando Agamben (2012), **essa enunciação pudesse “ter lugar”**? A busca de uma resposta foi traçada sobre os caminhos indicados pela teoria da enunciação, pelas ideias de Émile Benveniste, pelos pontos de fuga proporcionados pelo pensamento de Giorgio Agamben, pelo aguçar de sensibilidades provocado por David Le Breton. Pensamos ter chegado ao início de uma resposta possível — não acreditamos em respostas únicas menos ainda definitivas.

Convidamos quem nos lê a percorrer um caminho que parte de uma problematização da relação língua/linguagem na obra de Benveniste, passa pela busca de uma ideia de cultura nesse linguista, encontra o conceito de testemunho de Giorgio Agamben e chega à visão de cultura como elemento constitutivo do humano. Cada homem é uma (multi)cultura. Ao longo desse percurso, somos orientados por uma abertura de percepção que foi possível a partir do diálogo com David Le Breton e com suas obras *Les passions ordinaires* (2001) e *Éclats de voix* (2011). Se as obras desse autor não são frequentemente citadas aqui, a sensibilidade necessária para que esse trabalho fosse possível é fortemente influenciada por suas ideias⁵.

Nesse artigo, procuramos explorar três pontos: a) a relação linguagem/língua — salientando-se o protagonismo da primeira como expressão do pensamento e a potência interpretante da segunda; b) a compreensão de cultura como um sistema semiológico na obra de Benveniste; e c) a (im)possibilidade de comunicação entre culturas. Ressaltamos, no entanto, que as ideias de “afetividade” e de “emoção” — da forma como Le Breton as aborda em *Les passions ordinaires* (LE BRETON, 2001)— nos orientam durante todo o percurso.

¹“Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.” (BRASIL, 2003).

² Projeto que, durante 2 anos (2012 e 2013), levou ao campus Porto Alegre do IFRS a discussão sobre o papel protagonista da cultura de matriz africana na construção da identidade brasileira.
<http://afrolinguagensifrs.blogspot.fr/>.

³ Expressão comumente utilizada por praticantes de religiões afro-gaúchas para se auto-referirem.

⁴ Nome fictício.

⁵ A troca realizada durante o doutorado sanduíche na Université de Strasbourg sob direção do professor Dr. D. Le Breton foi fundamental para o desenvolvimento dessa sensibilidade.

Infelizmente, por questões de espaço, não poderemos abordá-las da maneira como gostaríamos nesse artigo. Por ora, nos contentaremos em esclarecer que, quando dizemos “afetividade”, temos em mente que

[a] afetividade simboliza o clima moral que banha permanentemente a relação do indivíduo com o mundo, a ressonância íntima das coisas e os eventos tais como a vida cotidiana os dispensa em uma trama descontínua, ambivalente, inapreensível por sua complexidade e seu mosaico.⁶ (LE BRETON, 2001, p. 93, tradução livre).

e quando nos referimos a “emoção”, cremos que ela é resultado de “uma negociação consigo e com os outros em si, ela é resultante de uma interpretação”⁷ (LE BRETON, 2001, p. 103, tradução livre).

Acreditamos que, para a argumentação que propomos, é imprescindível iniciarmos pela reflexão sobre a relação língua/linguagem no pensamento benvenisteano. Por termos tratado desse tópico em artigo já publicado (SEVERO, 2013), nos ateremos a um resumo enxuto da argumentação já empreendida com o objetivo de mostrar a importância da relação língua/linguagem para as reflexões sobre linguagem da maneira como as vemos. Começemos por aí.

1. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento

A diferenciação entre “língua” e “linguagem” nos é cara porque nela nos apoiamos para mostrar a natureza das relações entre sistemas semiológicos, incluída aí a cultura. Tanto no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2004)⁸ quanto nos dois volumes dos Problemas de Linguística Geral (BENVENISTE 2005 e 2006, respectivamente)⁹, o emprego diferenciado de “língua” e “linguagem” esclarece questões importantes dos estudos linguísticos. Em texto publicado em 2013, Severo empreendeu um percurso argumentativo defendendo o protagonismo da linguagem, e não da língua, na expressão do pensamento humano. Procuraremos resumir aqui as conclusões a que a autora chegou a fim de que possamos considerá-las nesse artigo.

A argumentação partiu das definições de língua e linguagem propostas no CLG e examinou dois textos de Émile Benveniste — “Categorias do pensamento e categorias da língua” (texto de 1958, publicado no PLG I) e “Semiologia da língua” (texto de 1969a, publicado no PLG II). A autora postulava que, apesar de a língua ser, indiscutivelmente, o sistema privilegiado para a expressão do pensamento devido à sua dupla forma de significação, ela não seria o único sistema semiológico capaz de expressar o pensamento. Contrapondo afirmações como “por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do

⁶ “(l)'affectivité symbolise le climat moral qui baigne en permanence le rapport au monde de l'individu, la résonance intime des choses et des événements tels que la vie quotidienne les dispense sur une trame discontinue, ambivalente, insaisissable par sa complexité e sa mosaïque.”(LE BRETON, 2001, p. 93).

⁷ “une négociation avec soi, avec les autres en soi., elle est le résultant d'une interprétation” (LE BRETON, 2001, p. 103).

⁸ Doravante CLG.

⁹ Doravante PLG I e PLG II.

pensamento, recebem expressão na língua. Podemos dizer tudo, e podemos dizê-lo como queremos” (BENVENISTE, 2005, p. 69) e “não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela música, que são dois sistemas diferentes” (BENVENISTE, 2006, p. 53), a autora assinalava uma mudança no pensamento benvenisteano que teria permitido questionar o que se afirma no texto de 1958 — que a língua seria a única forma de expressar o pensamento — e atribuía tal protagonismo à linguagem de forma mais ampla.

A proposta seria substituir a língua como mediadora entre o que Benveniste chamou de “volição obscura” e Saussure, de “massa amorfa”. Dessa forma, seria a linguagem — enformada de acordo com seus diferentes sistemas semiológicos — que estaria entre o pensamento e sua expressão¹⁰. Outros sistemas que também pertencem à linguagem, os sistemas semióticos artísticos por exemplo, são capazes de expressar o pensamento humano dentro do domínio de validade de cada um. A redução da linguagem à língua — recurso de que Saussure lançou mão buscando garantir a cientificidade da linguística — e o uso eventual desses dois termos como sinônimos podem colaborar para que se pense a língua como única forma de expressão do pensamento.

2. Cultura em Benveniste

Porque procuramos responder à pergunta inicial — “o que mudou para que a enunciação de Lúcia pudesse ter lugar?” — através de uma incursão no pensamento benvenisteano, precisamos esclarecer qual é, dentro desse universo, a ideia de cultura latente em Benveniste. Ao procurarmos um conceito, uma ideia, uma noção — qualquer que seja ele ou ela — em Benveniste, duas questões urgentes se apresentam: onde empreender tal busca e como fazê-lo? São questões que definem o método que se empregará em tal aventura. A variedade e a quantidade¹¹ de textos produzidos pelo linguista criam a necessidade de delimitação de um *corpus*.

Mais do que um simples referencial teórico, o pensamento benvenisteano compõe uma intrincada rede de conceitos, elástica e organizada de maneira dinâmica. Os termos (se é que se poderia assim chamá-los) não são unívocos, os conceitos não se concentram em pontos determinados, as ideias se completam em textos que estão separados por anos. A cada mudança de perspectiva sobre um conceito, é toda a maneira de apreendermos as teorias que muda. Com Flores (2011, p. 396s), afirmamos que não se pode simplesmente fazer referência a Benveniste, de forma genérica. Precisar de que Benveniste se fala é etapa inicial de qualquer trabalho que parta do pensamento benvenisteano. Nesse momento, nos ateremos aos PLGs. O simples fato de os artigos que compõem os dois tomos dos Problemas de linguística geral terem sido selecionados e organizados em seções, ou partes, pelo próprio Benveniste rende a esses textos um lugar de destaque na vasta obra do autor.

Cabe aqui uma ressalva que diz respeito ao estatuto daquilo que buscamos: ainda que consigamos chegar a uma ideia do que é cultura em Benveniste, sabemos que esse será o resultado do nosso percurso particular, resultado de uma ciência que se quer crítica no sentido de Meschonnic (1982), que se reconhece como um devir, como um processo nunca definitivo.

¹⁰ Diferentemente do que Benveniste afirmava no texto de 1958: “(...) para tornar-se transmissível, esse conteúdo [do pensamento] deve ser distribuído entre morfemas de certas classes, organizadas numa certa ordem, etc. (PLG I, p.69)”.

¹¹ ONO, 2007, p. 19.

Não apenas reconhecemos tal condição como a reivindicamos: o que se busca aqui é um construir, não uma construção.

Além de termos optado por nos atermos aos PLGs, um segundo recorte metodológico foi operado: o primeiro passo para localizarmos o conceito que queríamos foi aplicar uma ferramenta de busca aos dois volumes dos PLGs a fim de localizar todas as ocorrências da palavra cultura, do plural “culturas” e do adjetivo “cultural”. Por acreditarmos que uma enumeração dos dados que compilamos possa ser enfadonha e, nesse momento, desnecessária para o leitor, resumiremos os dados quantitativos na tabela a seguir, que mostra apenas os textos com maior número de ocorrências:

TEXTO	Ano	OCORRÊNCIAS		PLG	PARTE DO PLG
		Páginas	Palavras		
Estruturalismo e linguística	1968	11	31	II	Transformações da linguística
Tendências recentes	1954	5	14	I	Transformações da linguística
Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística	1963	3	13	I	Transformações da linguística
Estrutura da língua e estrutura da sociedade	1968	6	6	II	Estruturas e análises
Saussure após meio século	1963	3	5	I	Transformações da linguística

Tabela 1: textos com maior número de ocorrências

Além dos textos em que foram encontradas quantidades significativas de ocorrências de cultura e seus derivados, outro conjunto de textos dos PLGs nos serve como parâmetro de análise. Trata-se dos artigos “Categorias de pensamento e categorias da língua”, de 1958, “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, de 1968, e “Semiologia da língua”, de 1969a. Grosso modo, poderíamos dizer que o primeiro grupo de textos constitui aquilo para que olhamos e o segundo orienta o modo como olhamos. Tal orientação não é resultado de uma escolha, mas de algo inevitável. Quem conhece esses textos não consegue ignorá-los durante a busca que empreendemos aqui. A ideia de cultura subjacente à reflexão sobre sistemas semiológicos em “Semiologia da língua”, a análise da relação entre língua e sociedade do texto de 1968 e a relação entre língua e linguagem que se pode inferir do texto de 1958 balizam o olhar que dirigimos aos textos analisados aqui. Embora a quantidade de ocorrências de cultura nesses três textos não seja representativa — uma no de 1958, duas no de 1969a e seis no de 1968 — os percursos de análise e de argumentação e as conclusões alcançadas por Benveniste nos três artigos são extremamente relevantes para os nossos propósitos.

1.1. Análises das ocorrências texto a texto

Passaremos agora à análise de cada um dos 5 textos em que há o maior número de ocorrências; o faremos em ordem cronológica de publicação dos textos. Quando dois textos tiverem o mesmo ano de publicação, iniciaremos por aquele que, como todos que o antecedem, pertence à primeira parte do PLG, Transformações em linguística.

1.1.1. Tendências recentes em linguística geral (1954)

O texto mais antigo de que trataremos aqui é de 1954. Como o título indica, esse artigo, publicado no *Journal de psychologie*, tinha o objetivo de apresentar resumidamente as tendências nos estudos linguísticos até o final da primeira metade do século XX. Após um brevíssimo apanhado da evolução desses estudos, já ao final do primeiro parágrafo do artigo, Benveniste comenta o assunto que iria se repetir em seus textos que abordam a linguística nos anos 60¹²: “(...) somos tentados a pensar que as discussões sobre as questões de método em linguística poderiam ser apenas o prelúdio de uma revisão que englobaria, finalmente, todas as *ciências do homem*” (BENVENISTE, 2005, p. 4, grifo nosso). O sintagma “ciências do homem” se repetirá nos textos que abordam cultura. Tal sintagma remete não apenas às já estabelecidas ciências humanas, mas parece envolvê-las juntamente com a linguística. Retornaremos a esse assunto.

A pesquisa linguística agora atenta à variedade das línguas no mundo dava origem a novos procedimentos metodológicos e obrigava a linguística a se renovar e expandir seus horizontes. No comentário sobre essa nova realidade, encontramos a primeira ocorrência de cultura nesse texto. Fala-se aqui em “níveis de cultura”. Esse emprego é similar ao do sintagma “níveis de civilização” que seria mais tarde utilizado por Benveniste no texto “Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, de 1963. Dentre as ocorrências encontradas nos PLGs, cultura raramente remete a esse sentido, o de sinônimo de civilização ou educação¹³.

A palavra cultura ocorrerá novamente em uma longa citação de Harris da qual reproduziremos um trecho:

(...) De maneira geral, não podemos atualmente fiar-nos em nenhuma subdivisão natural ou cientificamente controlável do campo semântico da cultura local, porque não existe no momento nenhuma técnica para esse tipo de análise completa da cultura em elementos discretos, ao contrário, a linguagem é que é uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do *mundo da significação*) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam" (op. cit., p. 188)¹⁴. (HARRIS, 1951, p 188 *apud* PLG I, p. 13, grifo do autor)

Sobre esse método que busca uma “técnica para esse tipo de análise completa da cultura em elementos discretos” Benveniste responde da seguinte forma:

É de temer-se que, se esse método deve generalizar-se, a linguística não possa jamais reunir-se a nenhuma das outras ciências do homem nem da cultura. A segmentação do enunciado em elementos discretos não leva a uma análise da língua, da mesma forma que uma segmentação do universo físico não leva a

¹² Estruturalismo e linguística e Estrutura da língua e estrutura da sociedade.

¹³ Em Estrutura da língua e estrutura da sociedade, a expressão “nível de cultura” remete a nível de instrução, de educação — é a cultura que dá origem ao adjetivo “culto” empregado em expressões como “pessoa culta”: “Um homem que conhecia os dois aspectos destas realidades, Sapir, afirmou que tipos de línguas simples e complexas de um número infinito de variedades podem ser constatados em qualquer nível da cultura, e que não existe daquele ponto de vista, já que se emprega a mesma língua, diferença entre Platão e um guarda de porcos macedônio.” (BENVENISTE, 2006, p. 94, grifo nosso).

¹⁴ Harris, 1951 *apud* Benveniste, 1954.

uma teoria do mundo físico. (BENVENISTE, 2005, p.13, grifos do autor).

Ao longo desse texto, Benveniste procura mostrar a imprescindibilidade do sentido para o linguista — “todo o trabalho do linguista se apoia realmente sobre o discurso, implicitamente assimilado à língua” (BENVENISTE, 2005, p. 11) — ao mesmo tempo em que critica uma metodologia de análise que higieniza a língua do sentido, da significação em favor de uma atomização cuja produtibilidade pode ser questionada. Ainda na página 13, um bloco com 4 ocorrências da palavra cultura sonda a possibilidade — e a necessidade — de se segmentar a cultura: “É difícil imaginar o que resultaria de uma segmentação da cultura em elementos discretos. Numa cultura, como numa língua, há um conjunto de símbolos cujas relações é necessário definir.” (BENVENISTE, 2005, p.13). Benveniste esperava da análise dos signos um auxílio à compreensão “dos complexos processos da significação na língua e provavelmente também *fora da língua*.” (BENVENISTE, 2005, p.13, grifos nossos).

Essa relação entre cultura e simbolização será colocada de forma mais clara no próximo bloco de ocorrências de cultura, quando, ao comentar a famosa citação de Meillet¹⁵, Benveniste levanta algumas das dificuldades em se estudar língua e sociedade: “(...) encontram-se os problemas inerentes à análise da língua, de um lado, da cultura de outro, e os da “significação”, *que lhes são comuns*” (BENVENISTE, 2005, p. 15, grifo nosso). Cultura e língua são colocadas em uma relação horizontal em que não há hierarquias, mas uma dupla filiação a algo maior, a significação, que as englobaria. Dessa forma, língua e cultura não se relacionariam diretamente, mas estariam ambas relacionadas a algo que é maior do que elas, de que são a expressão. Tal relação fica ainda mais evidente quando vemos um sintagma nominal empregado por Benveniste a seguir: “impressão cultural na língua”. O linguista refere-se aos estudos do léxico, da composição do vocabulário da língua (Pokorny, Buck, Stern, Ullmann) e da “ação das 'crenças' sobre a expressão” (Meillet, Havers, Sapir): “a hierarquia cerimonial das expressões focaliza a ação complexa dos comportamentos sociais e dos condicionamentos psicológicos no uso da língua” (BENVENISTE, 2005, p. 16). A relação simbiótica entre língua e cultura se manifesta de forma clara no léxico. Tal realidade será profundamente explorada nos textos dos dois tomos de “*Le vocabulaire des institutions indo-européennes*” (BENVENISTE, 1969b e 1969c).

Ao final do artigo, Benveniste parece enumerar as possíveis linguísticas ainda por surgir e seus objetos de estudo. Interessa-nos especialmente aquela cujos termos base seriam língua, cultura e personalidade: “a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação.” (BENVENISTE, 2005, p. 17). Temos aí novamente a ideia de “ciências do homem” englobando a linguística.

1.1.2. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963)

Quase uma década após a publicação de Tendências recentes em linguística geral, Benveniste novamente empreende um breve estudo sobre o que seriam e como teriam se desenvolvido os estudos linguísticos até seu tempo. Esse artigo, dividido em parte I e II —

¹⁵ (BENVENISTE, 2005, p. 15).

claramente dedicadas à forma e à função, respectivamente — critica novamente certos estudos linguísticos que tratam seu objeto de forma matemática: “tem-se a impressão de que, para os linguistas de hoje, os fatos da linguagem se transmudam em abstrações, se tornam nos materiais inumanos de construções algébricas” (BENVENISTE, 2005, p. 19), ao mesmo tempo em que aponta mais uma vez o papel da linguística como ciência que serve de modelo para outras “ciências do homem”. O objetivo desse artigo é mostrar como e por que a linguística pôde chegar a ocupar tal lugar.

Ciência da linguagem e ciência das línguas: nesse texto, Benveniste retoma a divisão proposta por Saussure entre linguagem — faculdade humana — e línguas — idiomas por meio dos quais a linguagem se realiza. Trata-se de um momento especial na obra do linguista, pois, além de deixar clara a diferença entre língua e linguagem — que, no entanto, nem sempre é respeitada em sua obra — a relação entre ambas é enunciada de forma didática: “os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 20) e antecipa aquela famosa colocação presente em “A natureza dos pronomes”¹⁶, que será publicado dois anos mais tarde.

As ocorrências de cultura nesse texto concentram-se em três momentos: uma ocorrência solitária na página 22, três ocorrências na página 31 e 9, na página 32. Na primeira ocorrência, cultura poderia ser facilmente substituída por sociedade. Trata-se do lugar de uso de uma língua. As ocorrências da página 31 somam-se às primeiras da página 32 em um bloco que é responsável pelo conceito de cultura que parece balizar todas as ocorrências dessa palavra quando não pode ser substituída nem por civilização nem por sociedade. O trecho é longo, mas acreditamos que necessita ser transcrito:

Chamo **cultura** ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A **cultura** é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. Consiste numa multidão de noções e de prescrições, e também em interdições específicas; o que uma cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve. O mundo animal não conhece proibição. Ora, esse fenômeno humano, a **cultura**, é um fenômeno inteiramente simbólico. A **cultura** define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a **cultura**. (BENVENISTE, 2005, p. 31s, grifos nossos).

Podemos identificar dois tipos de ocorrência aqui: cultura como sistema simbólico e cultura específica de uma sociedade. Inspiramo-nos na distinção que Benveniste operaria mais

¹⁶ “só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 277).

tarde, no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, entre língua e sociedade como conceito histórico (sociedade francesa/francês, por exemplo) e língua e sociedade no nível fundamental. No trecho recém citado, é possível diferenciar cultura como acontecimento histórico (sublinhada) e cultura como fundamento, a matéria mesma do conceito proposto (em negrito). Assim como a língua enquanto sistema pode ser relacionada à sociedade enquanto agrupamento de pessoas, acreditamos que a cultura enquanto organização do sentido é o que pode compor com esses dois conceitos uma tríade capaz de ser estudada em conjunto.

As duas últimas ocorrências de cultura nesse texto estão no parágrafo final do artigo. Aqui, Benveniste parece nos indicar o que pode unir cultura e língua e para que serve estudar essa relação:

Aprofundando a natureza da linguagem, descobrindo as suas relações tanto com a inteligência como com o comportamento humano ou os fundamentos da cultura, essa investigação começa a esclarecer o funcionamento profundo do espírito nas suas operações. (...) Tudo leva a crer que essas pesquisas paralelas gerarão novas disciplinas e concorrerão para uma verdadeira ciência da cultura que fundará a teoria das atividades simbólicas do homem. (BENVENISTE, 2005, p. 32).

Chama-nos a atenção o trecho “o comportamento humano ou os fundamentos da cultura”: esse “ou” não parece funcionar como introdutor do último elemento da enumeração daquilo que pode ser relacionado à natureza da linguagem. Trata-se de um conector substitutivo que introduz o sintagma “os fundamentos da cultura” como explicativo do sintagma que o antecede “o comportamento humano”. Assim, desse artigo, podemos reter algumas noções de cultura: a palavra pode ser empregada como sinônimo de sociedade; cultura é um sistema simbólico (nível fundamental); existem culturas específicas de sociedades (nível histórico); cultura é o comportamento humano. Todas essas formas de se olhar para cultura são compatíveis e não constituem necessariamente conceitos diferentes. Trata-se, antes, de faces de uma mesma ideia ainda não claramente delineada.

1.1.3. Saussure após meio século (1963)

O terceiro e último capítulo da 1ª parte do PLG I — Transformações da linguística — é um texto que foi originalmente pronunciado por Benveniste em razão do 50º aniversário de falecimento de Saussure. O texto procura não apenas resumir a carreira do mestre genebrino, mas também esclarecer em alguma medida o quão geniais sempre foram suas percepções e o tanto de dificuldade de compreensão que tal genialidade causou.

As linhas principais do pensamento saussuriano — e o que há por trás delas — são desenhadas de maneira que nos permite perceber o que desse pensamento é caro a Benveniste. A dualidade da linguagem — e da linguística — é destacada e relacionada à teoria do valor e ao sistema que o engloba: “nenhum dos termos assim opostos tem valor por si mesmo ou remete a uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõe ao outro” (BENVENISTE, 2005, p. 43) ou ainda a citação de Saussure apresentada de forma enfática: “o elo que se estabelece entre as coisas preexiste, nesse domínio, *às próprias coisas*, e serve para determiná-las” (CFS, 12 (1954) *apud* BENVENISTE, 2005, p. 45, grifos

do autor)¹⁷. A chave para compreender a linguagem está, para Benveniste, na significação: “Quanto mais adentrarmos o mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe e que nos cumpre destacar” (BENVENISTE, 2005, p. 45).

Essas colocações antecedem a apresentação do conceito mais famoso proposto pelo/no pensamento saussuriano: o signo. Modalizada, a introdução do conceito permite que se entreveja a dúvida que levaria Benveniste além da linguística do signo: “muitos pontos da teoria estão ainda por examinar. Haverá por que perguntarmo-nos, principalmente, se a noção de signo pode valer como princípio de análise em todos os níveis” (BENVENISTE, 2005, p. 46s). Ao avaliar a maneira como o signo colabora para o desenvolvimento de uma ciência da linguística — pelo estabelecimento de um sistema semiótico — Benveniste chega à situação da linguística naquele momento: “não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como 'língua’” (BENVENISTE, 2005, p. 47).

Nesse contexto, cultura surge como um sistema que tem em comum com a língua sua constituição em signos. Os fatos de cultura são apresentados aqui como análogos ao signo linguístico: “um fato de cultura não o é a não ser na medida que remete a algo diferente” (BENVENISTE, 2005, p. 47). A própria possibilidade de fundação de uma ciência da cultura é associada à compreensão de suas “dualidades próprias”, assim como Saussure fez com a língua. Nesse texto, novamente, cultura e sociedade relacionam-se e encontram-se no lado oposto ao físico, ao biológico, ao natural. Mais uma vez, Benveniste afirma que “o homem não nasce dentro da natureza mas dentro da cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 48). A ideia de cultura e língua como sistemas baseados em signos é um dos pontos importantes a apreendermos desse texto. Tal ideia será retomada e desenvolvida nos textos do final dos anos 60 “Estruturalismo e linguística” e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”.

1.1.4. Estruturalismo e linguística (1968)

Esse artigo foi publicado em 1968, quando Benveniste já tinha se dado ao trabalho de explicar sua visão de cultura no artigo de 1963 além de abordá-la em diversos textos— de maneira mais enfática como naqueles que relacionamos aqui ou mais *en passant* como em outros textos. Esse é o texto com o maior número de páginas em que a palavra cultura ocorre: em 11 páginas, totaliza 31 ocorrências. Trata-se de uma entrevista concedida por Benveniste a Pierre Daix publicada na revista *Lettres françaises*.

As 31 ocorrências ora aparecem isoladas ora em pequenos blocos: na página 13, temos uma ocorrência isolada; da página 22 à 23, temos um bloco com 13 ocorrências; da página 23 à 24, temos outro bloco com 8 ocorrências; da página 25 à 26, temos um terceiro bloco com 6 ocorrências ao qual se ligam, de alguma forma, uma ocorrência da palavra “culturologia” e uma do sintagma “ciências da cultura” e, finalmente, mais duas ocorrências isoladas nas páginas 27 e 28. Obviamente, ao classificarmos algumas dessas ocorrências como isoladas, ou mesmo ao nos referirmos aos blocos, não pretendemos afirmar que haja uma real separação entre elas. Trata-se de um texto compartimentado por se tratar de uma entrevista que obedece ao padrão “pergunta-resposta”, mas a temática é coerente e pode-se perceber ao longo do

¹⁷ Seguimos a referência disponível em Benveniste em que “C.F.S.” remete à Cahiers Ferdinand de Saussure.

texto o desenvolvimento de ideias cujo fio central é desenhado a partir de aspecto levantado em trecho da primeira pergunta do entrevistador: a ascensão da linguística “a uma espécie de posição central nas ciências humanas” (BENVENISTE, 2006, p. 11).

O número de ocorrências da palavra cultura já assinala sua importância ao longo do texto. Benveniste menciona a palavra pela primeira vez durante um breve resumo da história da linguística que traça para seu entrevistador. Ao falar da linguística comparada, seus domínios e os métodos que emprega, Benveniste ressalta a necessidade de se interpretarem os dados linguísticos “na sua realidade (...) em relação a uma *cultura*” (BENVENISTE, 2006, p. 13, grifo nosso). Tal afirmação remete à relação íntima entre cultura e língua que faz com que uma faça sentido na e pela outra.

O maior bloco de ocorrências aparece quando Benveniste trata dos modos de significação do semiótico e do semântico. A cultura é apresentada como “um sistema que distingue o que tem sentido do que não tem” (BENVENISTE, 2006, p. 22). Esse sistema faz parte daquilo que, além de permitir que se reconheça se determinado signo significa, também torna possível a existência de vários sentidos imprevisíveis. Esse duplo funcionamento é similar ao da língua: um nível de significação cuja função é somente validar o significado – significa ou não (semiótico da língua) – e outro em que, sempre novo, o sentido será produzido de forma imprevisível (o semântico da língua). Assim como na língua, na cultura funciona uma rede de diferenças e valores que se relacionam de forma dinâmica. Os valores que regem a articulação da cultura são impressos na língua, ainda que essa não se transforme “automaticamente à medida que a língua se transforma” (BENVENISTE, 2006, p. 22). Assim, a língua é capaz de revelar definições cumulativas impressas por diferentes estratos de cultura. Vemos aqui algumas das ideias lançadas em “Tendências recentes em linguística geral” serem retomadas e desenvolvidas.

O próximo bloco de ocorrências parte da afirmação de que o homem não nasce na natureza, mas na cultura. Aqui, é novamente abordada a separação natureza/cultura e sua relação tanto com a linguagem quanto com seu estudo. Enquanto se estudava a linguagem como algo da natureza, se acreditava que seria possível chegar-se à gênese da linguagem. Trata-se de uma ideia abandonada pela linguística, uma vez que, segundo Benveniste, “vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura” (BENVENISTE, 2006, p. 23). Nesse bloco, é assinalada a função cultural da língua: “toda criança (...) aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (BENVENISTE, 2006, p. 23), “a linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente” (BENVENISTE, 2006, p. 24). A relação entre língua e cultura é vista como uma “integração necessária” cuja chave é o poder de ação, transformação e de adaptação representados no texto pela aquisição da linguagem pela criança.

O terceiro bloco de ocorrências parte do que Benveniste considera o “fundamento de tudo”: “o simbólico da língua como poder de significação” (BENVENISTE, 2006, p.25). Assim como “a língua é o domínio do sentido”, “todo mecanismo de cultura é um mecanismo de caráter simbólico”. É no interior de uma cultura que se atribuem ou não sentidos. Para se conhecer o fundamento da cultura, seria necessário classificar seus elementos significantes. Uma vez feito isso, seria possível perceber algo “como uma semântica que atravessa todos esses elementos da cultura e que os organiza” (BENVENISTE, 2006, p.25). Podemos perceber que, nesse texto, cultura está mais do que nunca intimamente relacionada a língua e

seu funcionamento é apresentado de forma homóloga ao da língua.

Toda a abordagem de cultura nesse artigo até aqui se dá a partir da primeira pergunta do entrevistador que mencionava o papel de “ciência piloto” desempenhado pela linguística entre as ciências humanas. Pierre Daix retoma esse comentário e acrescenta um questionamento acerca da indissociabilidade da linguística e das ciências humanas a que Benveniste responde falando em “culturologia” e em “ciências da cultura”. Para o linguista, tais ciências poderiam beneficiar-se da linguística não apenas por seus métodos, mas também porque se trata da ciência cujo objeto é a língua – “fundamento de toda vida de relação” (p. 26). É interessante atentarmos para a maneira como Benveniste fala das “ciências da cultura” como se tal campo já estivesse estabelecido. Nesse artigo, publicado em 1968, vemos a forte influência das ideias que serão apresentadas no texto de 1969a, *Semiologia da língua*. Vemos a evolução de “ciências do homem” (do texto de 1954) para “ciências da cultura”. De qualquer forma, ambas estão relacionadas ao homem e absorvem a linguística em seu conjunto.

1.1.5. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968)

O segundo texto em número de páginas de ocorrência, com 6 ocorrências em 6 páginas, é o único artigo dentre aqueles cinco que apresentam maior ocorrência que não está na parte *Transformações da linguística*. Como o título indica, nesse texto, também publicado em 1968, Benveniste procura estabelecer a natureza da relação entre língua e sociedade. Para isso, após apresentar pontos de vistas irreconciliáveis — alguns linguistas defendem que diferenças, semelhanças e mudanças na estrutura das sociedades não implicam diferenças, semelhanças e mudanças nas línguas, enquanto outros sustentam que a língua espelha a sociedade — Benveniste propõe uma diferenciação interna para os dois termos do problema: tanto língua quanto sociedade podem ser apreendidas em seu nível histórico (sociedade francesa/francês, sociedade chinesa/ chinês etc) ou em seu nível fundamental — a sociedade é uma coletividade humana e a língua é um sistema de formas significantes. A partir daí, Benveniste traça homologias no único nível em que isso é possível, o fundamental. Ao final do artigo, Benveniste afirma a natureza da relação entre língua e sociedade: a língua é o interpretante da sociedade:

Nada pode ser compreendido — é preciso se convencer disto — que não tenha sido reduzido à língua. Por consequência, a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama sociedade. (BENVENISTE, 2006, p. 99s).

O “mecanismo que permite à língua tornar-se o denominador, o interpretante das funções e das estruturas sociais” será desenvolvido e aprofundado no texto de 1969a *Semiologia da língua*, mas aqui Benveniste já apresenta as características que fazem com que a língua tenha esse papel: a propriedade da língua de ser “uma máquina de produzir sentido” (BENVENISTE, 2006, p. 99) a partir de sua composição em signos finitos que podem ser arranjados em mensagens infinitas.

Nesse artigo, cultura está sempre relacionada a sociedade. Benveniste afirma a capacidade da cultura de expressar a sociedade, o que a alçaria a um nível próximo ao da

língua no que diz respeito à comunicação intersubjetiva. Ao falar em “cultura inerente à sociedade” e em “expressão privilegiada da sociedade”, Benveniste assinala não um lugar para a cultura na sociedade, mas um papel que aquela desempenha de fato. Como expressão de uma sociedade, a cultura se aproxima da língua sem, no entanto, prescindir dela. A relação entre língua e sociedade também se comprova naquilo que a última imprime à primeira:

O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da **cultura**. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc. (BENVENISTE, 2006, p. 100).

Mais uma vez, sociedade e cultura aparecem intimamente relacionadas e a língua é colocada em relação a ambas. Mais uma vez, a relação entre cultura e língua é marcada no vocabulário e a forma como essa relação se dá as coloca, cultura e língua, no mesmo nível em relação à significação.

Ao ressaltar alguns caracteres que língua e sociedade têm em comum, Benveniste faz uma afirmação interessante — “Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural” (BENVENISTE, 2006, p. 96) — que nos remete àquela retomada por Pierre Daix na entrevista *Estruturalismo e linguística* — “o homem não nasce na natureza, mas na cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 23). Relacionando tais afirmações, podemos inferir que, para Benveniste, a natureza do homem é a cultura, é ali que ele nasce e é nela que vive e é humano.

Ao justificar as duas proposições principais desse texto — “a língua é o interpretante da sociedade” e “a língua contém a sociedade” (BENVENISTE, 2006, p. 97), Benveniste apresenta novamente sociedade e cultura intimamente relacionadas: “descrever a sociedade, descrever a cultura” (BENVENISTE, 2006, p. 98). O estabelecimento dessa proximidade parece nos permitir estender as proposições apresentadas também à cultura: a língua é o interpretante da cultura e a língua contém a cultura. No entanto, podemos nos perguntar se a afirmação “a sociedade torna-se significativa na e pela língua” também pode ser estendida à cultura: a cultura torna-se significativa na e pela língua? Se retornarmos à *Estruturalismo e linguística*, veremos que a relação que se estabelece lá é oposta: “a cultura é também um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem” (PLG II, p. 22), em outras palavras, é a língua que se torna significativa na cultura.

Inspirados em Benveniste, podemos procurar estabelecer uma relação entre esses três entes tão próximos¹⁸. Enquanto que, em “*Estruturalismo e linguística*”, cultura é sempre relacionada a língua e é tida como o lugar dentro do qual a língua e outros sistemas semiológicos têm ou não sentido, em “*Estrutura da língua e estrutura da sociedade*”, cultura é percebida como um elemento da sociedade, inerente a ela, sua expressão. Parece possível, tomando-se as afirmações dos dois textos, delinear um lugar para cultura entre sociedade e língua. O espaço em que a sociedade produz sentido e se expressa — na e pela língua, mas não apenas. O que diferencia radicalmente a expressão cultural da expressão linguística é o fato de que a cultura não se atém à língua para expressar. Enquanto que a língua faz sentido

¹⁸ Sem deixar de ter em mente que, como lembra Agamben (2010), intimidade não é identidade.

dentro da cultura, a cultura produz sentido por meio de diversos sistemas semiológicos: a arte, por exemplo. É preciso ver aí quais as relações semióticas que se estabelecem tanto entre língua e cultura quanto entre cultura e outros sistemas semiológicos que não a língua. Para tanto, consideremos o texto “Semiologia da língua”, em que Benveniste procura estabelecer a natureza das relações semiológicas. Se podemos manter que a língua interpreta a cultura, pois, em termos práticos, é possível usar a língua para explicar a cultura, precisamos examinar também como se dá o movimento contrário: a cultura é o que permite à língua produzir sentido ou não.

1.2. Cultura nos PLGs

As análises que acabamos de empreender a fim de tentarmos compreender cultura em Benveniste nos levaram a algumas constatações, quais sejam:

a) Cultura pode ser apreendida de duas formas: como fundamento e como fato histórico.

Essa é provavelmente a conclusão cujo percurso argumentativo é o de mais fácil demonstração. Inspiramo-nos no método empregado por Benveniste para analisar e comparar língua e sociedade em Estrutura da língua e estrutura da sociedade para, na longa citação do artigo Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística que reproduzimos anteriormente encontrar as duas faces de cultura abordadas: a cultura de um povo e cultura como sistema de valores que produz significação.

b) Cultura é um sistema semiológico de valores.

A ideia de que cultura é um sistema está explícita em Benveniste — “A cultura é também um sistema que distingue o que tem valor, e o que não tem” (BENVENISTE, 2006, p. 22).

Ao falar de Saussure e do signo (BENVENISTE, 2005, p. 34-49), Benveniste acaba falando em significação e é nesse momento que cultura é mencionada. Os fatos humanos, segundo o linguista, “devem ser concebidos como duplos, pelo fato de que se ligam a outra coisa, qualquer que seja o seu referente. Um fato de cultura não o é a não ser na medida em que remete a algo diferente” (BENVENISTE, 2005, p. 47). Naquele artigo, Benveniste fala novamente em ciências da cultura e afirma sua crença no modelo linguístico saussuriano como base para tal ciência. Tal relação só faz sentido se acreditarmos que, assim como a língua, cultura é um sistema de signos que remetem a algo “qualquer que seja o seu referente”.

Que tais signos sejam, assim como na língua, valores é fácil de perceber quando analisamos o trecho a seguir: “Quanto mais adentrarmos o mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe e que nos cumpre destacar” (BENVENISTE, 2005, p. 45, grifo do autor). De que coisas fala Benveniste aqui? No início do parágrafo de onde extraímos essa citação, falava-se em Saussure, assim, por que não empregar “signos” no lugar de “coisas”? Também falava-se em linguagem, algo maior do que a língua, um universo que extrapola o mundo dos signos. A palavra “coisas”, por sua

indefinição intrínseca, parece ter sido escolhida propositalmente para permitir um caráter abrangente: “coisas”, por não dizer nada, diz tudo. Assim como os signos são essas “coisas”, também o são os fatos de cultura.

A ideia de relação em detrimento de segmentação na cultura também aparece no texto “Tendências recentes em linguística geral”. Lá, Benveniste afirma que fragmentar os enunciados não leva a uma análise da língua, da mesma forma, tomar os fatos da cultura isoladamente não nos conduz à compreensão do que é ou possa ser cultura. Assim como a língua, a cultura não é segmentável. Os fatos de cultura não importam em si, mas na relação que estabelecem uns com os outros. Trata-se de um sistema semiológico de valores, de relações dinâmicas que se atualizam em um movimento eterno. Despidos de sua relação, os fatos de cultura não significam. A relação, o lugar que os valores ocupam em um sistema dinâmico, é o que produz sentido tanto na língua quanto na cultura.

c) Cultura e língua têm entre si uma relação de homologia.

Se cultura, por um lado — no nível fundamental —, é um sistema de valores que, por outro lado — no nível histórico —, se organiza como o universo semântico de uma sociedade, podemos — ou devemos — pensar sua relação com a língua em cada um desses níveis. Assim como Benveniste, ao realizar sua comparação em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, acreditamos que o nível que permite o estudo dessa relação é o fundamental.

Retomemos as relações entre sistemas de significação propostas por Benveniste em “Semiologia da língua”: engendramento, homologia e interpretância. Naquele artigo, o linguista afirma que a língua é o sistema capaz de interpretar todos os outros. Procuremos, no entanto refletir sobre os outros dois tipos de relação que poderiam estabelecer-se entre língua e cultura. Obviamente, não há entre as duas uma relação de engendramento, não se poderia dizer que uma delas dá origem à outra da maneira como os sistemas citados por Benveniste — o alfabeto comum e o Braille, por exemplo — dão origem um ao outro. Pensemos, então, na relação de homologia. De acordo com a explicação de Benveniste, ela pode ser de natureza “intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual ou poética”.

Já vimos que cultura é “um sistema que distingue o que tem sentido do que não tem” (BENVENISTE, 2006, p. 22). Relacionamos esse funcionamento ao do semiótico da língua: o que está em jogo aqui é definir se x faz sentido ou não. Da mesma forma, “todo mecanismo de cultura é um mecanismo de caráter simbólico” (BENVENISTE, 2006, p. 25): ao se estudar a cultura, se perceberia “uma semântica que atravessa todos os mecanismos da cultura e os organiza” (BENVENISTE, 2006, p. 25): temos aí um funcionamento análogo ao do semântico da língua.

Até aqui, vimos que cultura e língua são ambas sistemas de significação dinâmicos. O funcionamento de ambas é o da simbolização. Assim como a língua, a cultura expressa. Acreditamos não estar indo contra Benveniste quando afirmamos que a relação entre língua e cultura, diferentemente daquela entre língua e sociedade, não é de interpretância, mas de homologia. Seus modos de funcionamento são os mesmos. Aparecem no homem de forma tão íntima que não é possível estabelecer entre elas, sem medo de se cometer um erro, uma hierarquia, sua relação deve ser, portanto, horizontal.

d) Cultura e língua relacionam-se a um sistema de significação maior, do qual são

expressão.

Se cultura e língua são sistemas de valores que se organizam de forma similar, nos perguntamos — colocando em ação o mesmo tipo de raciocínio aplicado por Benveniste em “Categorias da língua e categorias do pensamento” — se a cultura se organiza dessa forma porque é dada na e pela língua — reflexão similar à de Benveniste sobre a relação estabelecida entre as categorias de pensamento de Aristóteles e a língua grega; se é a língua que, como só faz/produz sentido na e pela cultura se organiza como ela; ou, ainda, se ambas se organizam da mesma forma porque refletem a organização de algo maior a que pertencem: a significação.

Repetiremos um trecho já reproduzido do artigo “Tendências recentes em linguística geral”: “(...) encontram-se os problemas inerentes à análise da língua, de um lado, da cultura de outro, e os da “significação”, *que lhes são comuns*” (BENVENISTE, 2005, p. 15, grifo nosso). Além da intimidade que já ressaltamos aqui — essa relação simbiótica entre língua e cultura que não nos permite estabelecer entre elas uma hierarquia — parece-nos coerente pleitear o pertencimento de ambas a algo maior, englobante, de que são a expressão na vida¹⁹ humana: a linguagem. Tal pertencimento explicaria, além da própria impossibilidade de se estabelecer uma hierarquia entre língua e cultura, o fato de ambas serem um sistema de valores e de entreterem uma relação de homologia.

e) Cultura é um fato humano porque constitui o homem: cultura é uma intersecção nas “ciências do homem”.

Já repetimos algumas vezes aqui a afirmação de Benveniste de que o homem nasce na cultura. É preciso irmos a fundo nessa afirmação. O que significa nascer na cultura? O animal mamífero, biológico, a vida nua de que fala Agamben (2012), esse ser nasce na natureza. Ao entrar na língua e na cultura — atos inseparáveis no infante — o homem surge, nasce. Kaspar Hauser não é homem até interagir com outros homens.

Assim, não acreditamos que cultura seja um fato humano porque produzido pelo homem, mas porque o produz, o constitui.

Se o homem se constitui na e pela língua e na e pela cultura, as relações entre homens são também relações entre línguas e culturas. Procuraremos agora pensar a possibilidade ou não de comunicação entre culturas.

3. A (im)possibilidade do testemunho: (im)possibilidade de comunicação entre culturas

A noção de testemunho é desenvolvida por Giorgio Agamben (2010) a partir de sua análise de testemunhos de sobreviventes de Auschwitz, principalmente os do escritor e químico italiano Primo Levi. Ao longo de “O que resta de Auschwitz”, Agamben constrói a noção de testemunho a partir da problematização do posicionamento de Primo Levi em seus relatos como sobrevivente de um campo de concentração. Nos deteremos especialmente nos momentos em que são apresentadas análises das palavras latinas que dão origem a

¹⁹ A mesma vida a que se refere Benveniste quando diz que “a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222).

“testemunha”, *testis*, *superstes* e *auctor*; uma vez que nosso interesse imediato é estabelecer a tríplice noção de testemunha além de nos aprofundarmos na ideia da impossibilidade do testemunho.

Começamos por Primo Levi que, apesar de escrever seus relatos como um sobrevivente de Auschwitz, não se considera uma testemunha integral justamente por ter sobrevivido. A lacuna que denuncia em seu testemunho é percebida por outros sobreviventes-escritores — Wiesel, citado por Agamben, afirma: “não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas” (WIESEL, 1975 *apud* AGAMBEN, 2010, p. 42). Para Agamben, no caso extremo de Auschwitz, “o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável” (AGAMBEN, 2010, p. 43). A *shoá* é um acontecimento sem testemunhas pois não é possível testemunhá-la de dentro — de dentro da morte — nem de fora, pois quem está de fora está excluído do acontecimento.

Dessa falta, desse algo que não pode ser testemunhado provém uma “não língua que se fala sozinho” (AGAMBEN, 2010, p. 47). Para Agamben, “o testemunho é o encontro de duas impossibilidades de testemunhar” (AGAMBEN, 2010, p. 48): a verdadeira testemunha já não pode testemunhar — está morta ou impossibilitada de falar — e a língua do testemunho é uma não-língua. Sobre a relação entre a testemunha que não pode testemunhar e a não-língua, Agamben afirma:

A língua do testemunho é uma língua que não significa mais, mas que, nesse seu ato de não significar, avança no sem-língua até recolher outra insignificância, a da testemunha integral, de quem, por definição, não pode testemunhar. (...) Assim, a impossibilidade de testemunhar, a “lacuna” que constitui a língua humana, desaba sobre si mesma para dar lugar a uma outra impossibilidade de testemunhar — a daquilo que não tem língua. (AGAMBEN, 2010, p. 48).

Essa testemunha que não pode falar é chamada nos campos de “muçulmano” — diversas possibilidades são apontadas na obra para a origem do nome. Trata-se dos presos que não tinham mais condições de falar, que pareciam corpos sem vida arrastando-se pelos campos de concentração. Eram rechaçados tanto pelos nazistas quanto por seus colegas prisioneiros. Representavam o horror em pele e osso. Há, na obra de Agamben, um capítulo totalmente dedicado à análise do muçulmano que, nesse momento, nos absteremos de abordar. Por ora, nos basta saber que, para Agamben, o muçulmano nos obrigada a pensar o limite do humano.

Retornemos ao conceito de testemunha que será desenvolvido por Agamben. Inicialmente, são trazidas à discussão as palavras *testis* e *superstes*. De *testis*, deriva o termo testemunha, sua etimologia remete à **terstis*, aquele que se coloca como um terceiro em uma polêmica entre dois disputantes. *Superstes* é aquele que (sobre)viveu e que testemunha em primeira pessoa. Mais tarde na obra, Agamben recorre a mais uma palavra latina que se relaciona com testemunha: *auctor*. Trata-se agora de alguém que pode servir de fiador à palavra de uma testemunha cuja condição não lhe garante credibilidade. Após uma análise digna dos textos comparatistas de Benveniste, está posto o terceiro elemento que complementarmente a tríplice noção de testemunha. Reproduziremos um longo trecho da obra por acreditarmos que as palavras de Agamben são insubstituíveis nesse momento:

Os três termos que em latim expressam a ideia do testemunho adquirem, cada

um deles, a sua fisionomia própria. Se *testis* indica a testemunha enquanto intervém como terceiro na disputa entre dois sujeitos, e *superstes* é quem viveu até o fundo a experiência, sobreviveu à mesma, e pode, portanto, referir-se aos outros, *auctor* indica a testemunha enquanto o seu testemunho pressupõe sempre algo — fato, coisa ou palavra — que lhe preexiste, e cuja realidade e força devem ser convalidadas ou certificadas. (AGAMBEN, 2010, p. 150).

O que nos interessa nesse momento é explorar a ideia de uma impossibilidade de testemunho. Vemos um sujeito que viveu uma experiência, um *superstes*, dentro de uma cultura. O relato de quem está dentro é, em princípio, ininteligível para quem está fora. Agamben afirma que não há língua para o testemunho. Partamos da ideia benvenistiana de língua, aceita por Agamben (2012), como o sistema semiológico que possui um modo de significação compartilhado — o semiótico — e que não só torna possível a comunicação humana, mas também é capaz de interpretar outros sistemas semiológicos, incluída aí a cultura, da qual também depende para fazer sentido por meio de seu funcionamento sempre novo — o semântico.

Pensemos esse universo da testemunha — a *shoá* no caso da obra de Agamben — como uma cultura bem específica dentro da qual os membros compartilham significados e, conseqüentemente, uma língua. Para que o testemunho da experiência vivida faça sentido, ele deve ser proferido em uma língua compreensível. Quando, no entanto, esse testemunho é dirigido a sujeitos que estão fora dessa cultura, já não há língua possível para o testemunho, temos aí a não língua de Agamben — uma língua sem um semiótico compartilhado que possa vir a significar. Eis a impossibilidade do testemunho: uma lacuna — a falta do semiótico — entre culturas que não compartilham uma língua capaz de produzir sentido.

No entanto, as testemunhas testemunham. Relatam suas histórias da forma como podem para sujeitos que as compreenderão da forma como puderem. Significados serão produzidos. A linguagem — maior, mais radical e mais profunda do que as línguas ou quaisquer sistemas semiológicos isolados — encontra humanos caminhos para que a significação aconteça, para que o homem continue de alguma forma trocando significados.

O papel do *terstis* e do *auctor* é justamente o de tentar possibilitar pontos de comunicação entre diferentes culturas. É preciso estar suficientemente dentro da cultura para se ter a vivência dela — é preciso, de alguma forma, ser um *superstes* — e suficientemente fora — por isso um *terstis* ou um *auctor* — para se poder falar dela em uma língua que possa ser compreendida por quem não está dentro da experiência, da cultura. Não se trata de tradução nem de explicação ou de interpretação, mas de relatos, testemunhos vivos expressos por meio de diferentes sistemas semiológicos de forma a tentar compartilhar significações. Compartilhar é o ato germinal: não se trata de carregar um significado entre “a” e “b”, mas de criar intersecções: como se a ponte, ao invés de unir pontos separados, operasse a união metafísica desses pontos. Todo *terstis* é também um *superstes* na medida em que viveu esse testemunhar. Todo *superstes* passa a ser um *terstis* a partir do momento em que decide dar testemunho, pois essa é a única forma de se ter acesso a uma língua compartilhada com aqueles que não viveram a experiência testemunhada, relatada. A comunicação entre culturas diferentes se dá, também, graças à afetividade dos sujeitos que vivem (n)essas culturas. Sua relação com a própria cultura, com a cultura do outro e com o outro tanto na sua quanto em outra cultura se dá em termos de uma afetividade em constante mudança.

Conclusão

Ao se deslocar a uma posição intermediária entre dentro e fora da cultura, Lúcia encontrou a língua que lhe permitiria dar seu testemunho porque identificou nos colegas um deslocamento semelhante ao seu encontro. Dentro e fora deixaram de ser posições absolutas quando pontos de intersecção entre esses dois lugares foram estabelecidos por meio de testemunhos que, por sua vez, só se tornavam possíveis à medida em que criavam a língua em que se testemunhavam. Trata-se de dois movimentos que não apenas se complementam, mas se constituem mutuamente de forma inesperável.

As falas dos palestrantes, os filmes, as atividades que abordaram essa religiosidade com estudantes que pertenciam e que não pertenciam a essa cultura criaram pontos de intersecção entre as culturas “de dentro” e “de fora” da religiosidade afro-gaúcha: elas se comunicaram. Lúcia percebeu nessa comunicação a possibilidade de um lugar para a enunciação de seu próprio testemunho.

Precisamos salientar que, quando Lúcia sentiu que poderia falar da sua cultura, ela não o fez a partir de cálculos lógicos. Falamos aqui de um processo de negociação afetiva que se dá em várias frentes: na troca proporcionada pelos testemunhos; na relação de Lúcia com seus colegas, com sua cultura e com seu sentimento de que havia mudanças na percepção de seus colegas quanto à sua religião, sua cultura. Não se trata de um cálculo racional operado pela aluna para encontrar o momento mais propício para falar de sua religiosidade aos colegas, mas antes de um sentimento, de uma emoção: “(...) *l'émotion c'est pas la conséquence d'une pensée appliquée au monde à la manière d'un cogito*” (LE BRETON, 2001, p. 103)²⁰. É a emoção que permite a Lúcia perceber as mudanças que ocorrem e lhe faz testemunhar a partir de um novo lugar enunciativo.

Language and culture: an approach with Benveniste

ABSTRACT: Based on a question posed by a student, this paper tries to answer how a given enunciation can take place. In this sense, three points are highlighted: a) the relation between *langage* and *langue* — reinforcing the main role played by the former and the interpretative power of the latter; b) culture understood as a semiologic system within the work of Benveniste; and c) the (im)possibility of communication between cultures. The answer found mobilizes the ideas of affectivity and emotion to show that, however diverse cultures may be, human beings create intersection points between them so as to make communication possible.

KEY-WORDS: *langue/langage*; affectivity; culture; Benveniste.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2010.

²⁰ “(...) a emoção não é a consequência de um pensamento aplicado ao mundo à maneira de um *cogito*.” (tradução livre).

BENVENISTE, Émile (1954). Tendências recentes em Linguística Geral in _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile (1969a). Semiologia da Língua in _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Émile *Le vocabulaire des institutions indo-européennes 1: économie, parenté, société*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1969b.

BENVENISTE, Émile *Le vocabulaire des institutions indo-européennes 2: pouvoir, droit, religion*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969c.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003.

FLORES, Valdir “A enunciação e os níveis da análise linguística”. In: SITED- *Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso*, 2010, Porto Alegre. Anais do SITED- Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. v. 1. p. 396-402. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/ValdirdoNascimentoFlores.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2012.

LE BRETON, David. *Éclats de voix*. Paris: Métailié, 2011.

LE BRETON, David *Les passions ordinaires: Anthropologie des émotions*. Paris: Armand Colin, 2001.

MESCHONNIC, H. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris: Verdier, 1982.

ONO, Aya. Le nom c’est l’être: Les notes préparatoires d’Émile Benveniste à l’article « La blasphémie et l’euphémie ». *Genesis: Le geste linguistique*, Paris, n. 35, p.77-84, 05 dez. 2012.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique général*. Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SEVERO, R.T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, jan./jun. 2013. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/14495>. Acesso em 05 de maio de 2014.

Data de envio: 21/05/2014

Data de aceite: 19/03/2015

Data de publicação: 23/04/2015